

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2007 • página 1

EDUCAÇÃO INFANTIL – SEGMENTO QUE DEVE SER VALORIZADO



Moyses Kuhlmann :A educação da criança pequena também deve ser pensada na perspectiva de seu direito a brincar, ao jogo, no sentido de proporcionar um desenvolvimento integral e não simplesmente da inteligência.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2007 • página 2

Educar não é uma tarefa fácil. Ela pode ser ainda mais difícil no que diz respeito a responder os desafios envolvidos no trato com as crianças pequenas. Embora não seja obrigatória, a educação infantil, voltada ao atendimento de crianças de zero a cinco anos, envolve uma série de questões relacionadas principalmente à qualidade de sua oferta e à formação dos profissionais para atuar neste segmento. Em entrevista ao Suplemento do Professor, Moysés Kuhlmann Júnior, pesquisador da Fundação Carlos Chagas e professor da Universidade São Francisco, destacou que é preciso valorizar os docentes da educação infantil e os profissionais das creches. “É difícil encontrar um município que tenha uma estrutura de quadro de carreira que, de fato, equipare este professor ao de ensino fundamental e médio”, afirmou. Confira a entrevista:

FOLHA DIRIGIDA – Que avaliação o sr. faz da educação infantil brasileira? O que precisa ser melhorado para que se chegue a um padrão suficiente de qualidade?

MOYSÉS KUHLMANN – A rede de educação infantil é bastante heterogênea. Se pensarmos no Brasil inteiro em termos de creches e pré-escolas, veremos que há diferenças marcantes entre estas duas instituições e entre as regiões ou tipos de sistemas. A Constituição de 1988 incluiu a educação infantil no sistema educacional, mas a Lei de Diretrizes e Bases, que instituiu essa inclusão, só ficou pronta em 1996. Desde então, 11 anos já se passaram e não podemos dizer que, efetivamente, a educação infantil esteja integrada ao sistema educacional como a lei determina. Há muitas coisas ainda a serem feitas para ver esta integração. Isto traz conseqüências para a qualidade das instituições. Falo no sentido de haver uma estrutura de suporte dos sistemas municipais para este tipo de rede. A educação infantil custa caro, pois quanto menor a criança, a proporção adulto/criança deve ser maior. O que as prefeituras muitas vezes têm feito é tentar escapar desta necessidade de incorporar as creches ao sistema educacional, lançando programas com a denominação de “alternativos”. É claro que, do ponto de vista da assistência social,



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2007 • página 3

é interessante que se desenvolva o maior número de programas para assistir às famílias, mas isto não pode ser feito em detrimento da organização do sistema de educação infantil. Há uma certa resistência dos municípios em implementar esta rede de modo a atender a população em uma escala mais ampla.

FOLHA DIRIGIDA – Historicamente, a educação infantil no Brasil tem apresentado uma característica extremamente assistencialista. Isso ainda acontece? Até que ponto a educação infantil se tornou mais pedagógica e conteudista?

MOYSÉS KUHLMANN – Não que estas instituições tenham sido assistenciais em uma época e estejam se tornando educacionais. Desde o início, elas foram pensadas como instituições educacionais. No entanto, para as classes populares, para as crianças pobres, reiteradamente se pensou uma educação pobre para os pobres, uma educação de baixa qualidade para os pobres. Aí poderíamos qualificar esta educação como assistencialista, no sentido de revelar um preconceito com a pobreza. No momento de atender a criança pobre já se quer economizar muito mais. Este tipo de visão preconceituosa em relação às classes populares no Brasil ainda persiste de alguma forma. É claro que tivemos avanços. A incorporação ao sistema educacional, de alguma maneira, indica o sentido de tratar a educação infantil como universal, como direito de qualquer criança, mas a realidade ainda está bastante distante disso. Uma família de classe média dificilmente buscará uma creche para educar seus filhos.

FOLHA DIRIGIDA – Esta é a principal diferença das instituições públicas e particulares de educação infantil?

MOYSÉS KUHLMANN – Não é simplesmente uma questão de conteúdo a ser ensinado e a ser objeto de trabalho na instituição. Isto é uma armadilha na qual instituições e sistemas educacionais já caíram, algumas vezes. Na intenção de superar a tradição da educação assistencialista, busca-se uma educação que simplesmente antecipa os conteúdos do ensino fundamental, o que coloca sobre as crianças pequenas uma responsabilidade, uma exigência de esforço e concentração inadequadas à sua idade. A educação da criança pequena também deve ser pensada na perspectiva de seu direito a brincar, ao jogo, no sentido de proporcionar um desenvolvimento integral e não simplesmente da inteligência.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2007 • página 4

FOLHA DIRIGIDA – Que avaliação o sr. faz dos cursos de formação de docentes para a educação infantil?

MOYSÉS KUHLMANN – Além da precariedade de implantar a rede há também a relação com os profissionais. Aí, a figura da professora – e seria desejado ter também a figura do professor homem, o que já é raro no ensino fundamental – passa por uma situação de ser colocada em uma Segunda categoria. É difícil encontrar um município que tenha uma estrutura de quadro de carreira que, de fato, equipare este professor ao de ensino fundamental e médio. Não se trata de dar o mesmo tipo de cargo ou atribuição, pois um professor de ensino médio trabalha em regime de hora/aula e a educação infantil funciona em períodos. O tipo de trabalho é diferenciado. No entanto, a valorização deste profissional pelo sistema acaba sendo posta como de um profissional de Segunda qualidade. As professoras são desestimuladas a trabalhar neste sistema. Elas recebem uma formação já precária e ingressam em sistemas que as valorizam menos. Então, a tendência de querer abandonar a educação infantil para procurar o fundamental, em que elas teriam uma melhoria de salário e de condições de trabalho, acaba sendo um fator imediato pela desvalorização. Em consequência a isso, há uma maior rotatividade no quadro.

FOLHA DIRIGIDA – A formação docente é um tema bastante discutido na sociedade brasileira. Hoje, temos a exigência do diploma no nível superior, em detrimento do magistério. No entanto, o que precisa ser melhorado nestes cursos destinados a formação superior de professores, em geral, cursos de Pedagogia?

MOYSÉS KUHLMANN – Os cursos de Pedagogia têm se ocupado mais da formação dos profissionais para este nível da formação, mas precisam ser melhorados. Há muita diversificação no que cada instituição oferece para estes futuros profissionais em termos de formação. A creche, por exemplo, que é a instituição que educará os pequenos de zero a três anos de idade, é a que mais sofre quanto à qualidade. Isso também acontece com a formação. Quer dizer, o espaço de formação dedicado à questão do cuidado com os bebês é menor. Às vezes, olha-se para isso também como algo de segunda qualidade. Já escrevi que os pedagogos ‘torcem’ o nariz quando pensam que trocar fraldas também é objeto de seu conhecimento. Também há a idéia de que é uma vocação feminina, um instinto, quando é, na verdade, uma situação diferenciada. A profissional tem quatro, cinco crianças para cuidar, o que é uma situação bastante diferenciada da familiar. Esta é uma área em que existe uma grande deman-



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2007 • página 5

da no sentido do que fazer. Temos avançado em termos de pesquisas, mas quanto à repercussão nos cursos de formação, acho que temos um caminho longo a percorrer.

FOLHA DIRIGIDA – O que se perdeu nos últimos anos, com a quase extinção do magistério e a exigência do diploma?

MOYSÉS KUHLMANN – Eu acho que quanto mais formação, melhor. Neste processo de formação, deve haver a oportunidade da realização de estágio, pois a questão da prática é algo muito importante, mas não podemos cair na oposição teoria x prática, como se a formação teórica não fosse necessária. Não podemos esperar que a teoria dará os instrumentos para que imediatamente se pense o que fazer em uma situação e como resolver um determinado problema dentro da instituição. Não se aprende em um curso de formação a solução para todos os problemas que poderão ser encontrados. A formação teórica tem a virtude de poder desenvolver a capacidade de raciocínio, o conhecimento amplo das questões que envolvem as crianças, para que se tenha a possibilidade de equacionar o problema e resolvê-lo, quando surgir a necessidade prática. É importante que a professora de educação infantil conheça bastante o mundo, as diversas ciências, para que possa responder à necessidade de seu trabalho cotidiano. Em sua formação, o profissional deve ter essa diversidade de experiências culturais e de conhecimentos para que esteja bastante alimentado e possa traduzir isto em seu trabalho.

FOLHA DIRIGIDA – O sr. está envolvido em alguma pesquisa na Fundação no momento?

MOYSÉS KUHLMANN – Tenho produzido algumas coisas relacionadas à questão da política, do currículo, mas principalmente na investigação sobre a história da educação das crianças pequenas e da infância. Estou com um projeto de pesquisa na Fundação Carlos Chagas em que há um intercâmbio com o trabalho da formação para a pesquisa feito na Universidade São Francisco, onde também trabalho. Nas pesquisas que estou orientando há o estudo do Parque Infantil da cidade de São Paulo, em meados do século passado. Este é um material que ainda não tinha sido objeto de pesquisa. É muito interessante recuperar propostas, como também fazer uma análise dos processos históricos, uma análise crítica. ✕

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,
Em outubro de 2007, à Ana Paula Novaes.